

O POSITIVISMO NO PROGRAMA DO GOVERNO ESTADUAL CAPIXABA “ESCOLA VIVA”: A PRODUÇÃO DISCURSIVA SUSTENTADORA DE TAL PROPOSTA EDUCACIONAL

Ana Karyne Loureiro Furley- anakaryneloureiro@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/6736589692524594>

Hiran Pinel- hiranpinel@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/8940226139303378>

Marcio Colodete Sobroza- marciocolo@hotmail.com <http://lattes.cnpq.br/0913468627021863>

RESUMO

O objetivo desse estudo foi o de procurar, de modo crítico, entender parte do positivismo presente no discurso neoliberal do “Programa Escola Viva” implantado oficialmente em 2015, pelo Governo do Estado do Espírito Santo, que tenta colocar na prática a escola em período integral. Tratou-se de uma pesquisa bibliográfica, lida e estudada criticamente, associada a uma postura fenomenológica dos pesquisadores, tempo, de modo reflexivo crítico. Produziu-se uma análise de tal proposta dentro de um ponto de vista específico, criticando a ideologia da privatização da educação, a imposição de uma proposta que não consultou efetivamente a população envolvida e que se limitou a “comprar” o ideário pronto de uma experiência pernambucana, planejada, executada e avaliada por empresários interessados na escolaridade nas escolas públicas, cujo nome é Escola da Escolha, gestada pelo Instituto de Corresponsabilidade Educacional (ICE), que em termos de mercado, parece esclarecer a meta de ser produzir mão de obra barata. Para alcançar esse objetivo de pesquisa, os autores descrevem Comté e o positivismo, o positivismo na Educação, a relação entre o positivismo e o neoliberalismo. Finalmente, aprofundam-se em parte do discurso positivista que sustenta essa Escola, cujos manuais sustentam a experiência capixaba, e que foram subsídios para os treinamentos, donde escolhemos intencionalmente a Pedagogia da Presença do mineiro Antônio Carlos Gomes da Costa (1949-2011), que por sua vez também se respalda no psicólogo estado-unidense Robert R. Carkhuff (1934-), onde aprofundamos mais.

Palavras-chave: Positivismo: Neoliberalismo, Escola Viva: Governo do Estado do Espírito Santo: Brasil, Produção Discursiva: Costa: Carkhuff.

INTRODUÇÃO

Nossa defesa aqui-agora é a de que o homem é um ser social, constituindo sua subjetividade dentro da sua sociedade, cultura e história – é um ser-no-mundo. Esse ser humano, sempre em fazimento, está no mundo, e por isso ele é sujeitado a relações de poder, e essa vivência não é diferente na sala de aula, na sua escola. Tudo nele é híbrido e misturado, sabendo que a dicotomia é uma forma de manipulação da ideologia dominante, logo é um discurso que se opõe a quaisquer manipulações. Esse artigo pede para ser lido e estudado nesse sentido heterogêneo, onde o sentido é ao mesmo tempo seu limite. Sabido que há outros modos de estudar o tema, intencionalmente nossa escolha foi essa, visto que a importância desse estudo pode se dar por estudar um tema de ponta que é a escola integral implantada sob um ponto de vista discursivo neoliberal atrelado ao positivismo. O neoliberalismo é uma doutrina política, econômica e ideológica que representa uma tentativa de adaptar os princípios do liberalismo econômico às condições do capitalismo contemporâneo. O neoliberalismo é contra a presença do Estado até em questões sociais como a educação escolar, e advoga que,

(...) o igualitarismo promovido pelo Estado de bem-estar destruiu a liberdade dos cidadãos e a vitalidade da concorrência, fatores fundamentais para a prosperidade. A desigualdade seria, portanto, um fator positivo, imprescindível para o progresso das sociedades ocidentais” (BESKOW, s/d; p. 5).

Ademais, tratamos aqui-agora de reconhecer, tal qual em Foucault (1987) de que o “discurso é um produto coletivo que, em maior ou menor grau, atravessa os textos individuais” (p. 160). As correntes filosóficas fazem parte de uma concepção política, não sendo neutras. São propostas, na maioria das vezes idealizadas, para se pensar, sentir e agir projetos em sociedade, trazendo geralmente conceito de homem, sociedade/ cultura, problemas e solução desses problemas. O positivismo e seu discurso existem nesse contexto, uma corrente de pensamento criado em um tempo e espaço – como vimos. “Humanidade, ciência, síntese e fé constituem a essência do pensamento comtiano”. (RIBEIRO JUNIOR, 1984, p.10). O positivismo de Comté (1798-1857) estabelece-se com o intuito de libertar o homem da metafísica e das crenças religiosas, para a organização de uma sociedade em novas bases, opondo-se ao socialismo e ao liberalismo. Através de

uma significação moral, com a supremacia de uma sensibilidade em busca de convivência fraternal, família, pátria, religião, ordem através de uma reforma espiritual onde a missão do reformador (sábio) é reorganizar a sociedade através de uma elite intelectual no governo.

Segundo Gallo (2014) e Tomazi (2014), o pensamento do sec. XIX Comté temia a desorganização social e defendia a ideia do reino de Deus constituído a partir de uma concepção de amor ao próximo. Defendia a ideia que não existia igualdade entre os homens, já que nem os animais eram iguais, em uma premissa que as classes sociais mantêm a sociedade viva e, através da participação de todos poderia ser renovada por meio de uma reforma intelectual do ser humano. Por volta de 1850, durante o segundo reinado as ideais positivistas são implementadas no Brasil, baseadas em um ideal republicano em “amor por princípio e a ordem por base; o progresso por fim” (RIBEIRO JUNIOR, 1982, p.30), influenciadas por modelos onde a legislação espelhava os interesses de uma minoria refletida no poder. Entre os quais, a escolha dos currículos escolares garantia a transmissão de um saber enciclopédico nos quais os ensinamentos de ciências, química, biologia e físicos considerados a priori o centro da educação, em um esforço para o fim do poderio religioso que sobressaía no ensino, garantindo um ensino laico das ciências.

Aranha (1996), nos leva a reflexão como foi implantado o sistema educacional no Brasil, onde as reformas educacionais foram marcadas por modelos internacionais, desajustados a sua realidade. Na Década de 30 as leis não eram centralizadas e não favoreciam a uma totalidade sim a pequenos grupos por períodos, visto que “nessa ação pendular o ensino fundamental sempre foi desprezado, o mesmo ocorrendo com o ensino técnico e de formação de professores” (p.225). Após 160 anos, muitos desses pontos de vistas do positivismo continuam a sobressair sobre a criação das leis em âmbito educacional. No Estado do Espírito Santo a Lei complementar nº 799 cria o Programa de Escolas Estaduais de Ensino Médio em Turno único, Escola Viva. Existem vários aspectos a serem observados quando analisamos a influência da corrente positivista na concepção educacional. O intuito é analisar, através de alguns recortes, a partir de uma revisão

bibliográfica de materiais fornecidos pelo próprio Governo do Estado disponibilizados na internet sobre os ideais positivistas de Comté na lei acima citada. O tema positivismo e educação tem sido tema de diversos estudos, quase sempre produzindo críticas ao ideário (e ideologia) pedagógico nessa abordagem (RUCKSTADTER, 2005; ISKANDAR e LEAL, 2002; OLIVEIRA, 2017; SILVINO, 2007 – dentre outros). Autores renomados e até populares como Sagan (1998) tem destacado a vitalidade do positivismo, da produção científica como verdade indispensável nas Ciências Médicas, viagens do homem no espaço, invenção do rádio e TV, internet, saúde pública e minimização de epidemias, pandemias - dentre outros, por exemplo: "... as consequências do analfabetismo científico são muito mais perigosas em nossa época do que em qualquer outro período anterior" (SAGAN, 1998; p.21).

O objetivo desse estudo foi o que procurar, de modo crítico, entender parte do positivismo presente no discurso neoliberal do "Programa Escola Viva" implantado oficialmente em 2015, pelo Governo do Estado do Espírito Santo, que tenta colocar na prática a escola em período integral.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Tratou-se de uma pesquisa bibliográfica, lida e estudada criticamente, associada a uma postura fenomenológica dos pesquisadores, qual seja, um envolvimento existencial relativo com os textos e documentos, e ao mesmo tempo, de modo indissociado, um distanciamento reflexivo crítico.

Produziu-se uma análise de tal proposta dentro de um ponto de vista específico, criticando a ideologia da privatização da educação, a imposição de uma proposta que não consultou efetivamente a população envolvida e que se limitou a "comprar" o ideário pronto de uma experiência pernambucana, planejada, executada e avaliada por empresários interessados na escolaridade nas escolas públicas, cujo nome é Escola da Escolha, gestada pelo Instituto de Corresponsabilidade Educacional (ICE), que em termos de mercado, parece esclarecer a meta de ser produzir mão de obra barata.

Para alcançar esse objetivo de pesquisa, os autores descrevem Comté e o positivismo, o positivismo na Educação, a relação entre o positivismo e o neoliberalismo. Finalmente, aprofundam em parte do discurso positivista que sustenta a Escola da Escolha, cujos manuais sustentam a experiência capixaba, e que foram subsídios para os treinamentos, donde escolhemos intencionalmente a Pedagogia da Presença do mineiro Antônio Carlos Gomes da Costa (1949-2011), que por sua vez também se respalda no psicólogo estado-unidense Robert R. Carkhuff (1934-), no qual nos aprofundamos mais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Biografia de Comté, o positivismo e seu impacto na Educação brasileira

Isidore Auguste Marie François Xavier Comté, ou Augustd Comté, nasceu na França, em Montpellier, no dia 19 de janeiro de 1798, tendo falecido em Paris no dia 5 de setembro de 1857. Ele é considerado como o criador/ inventor/ fundador daquilo que se denomina de Sociologia, e nosso interesse aqui, do Positivismo, que é uma proposta de nova organização da nossa sociedade, um modo dela se mostrar concreta, uma demanda de colocar nela uma ordem e um progresso.

Ele chegou a estudar Medicina (em 1814) no curso da Escola Politécnica de Paris. Conta-se que dessa escola chegou a ser expulso por causa de suas ideias, ameaçadoras então, tudo naquele tempo e espaço. Foi convidado e aceitou ser secretário do socialista e filósofo Saint-Simon, e isso o fez relativamente conhecido entre os intelectuais franceses. Apesar de sua relativa fama, logo depois, ficou tensa sua relação com Saint-Simon devido as intensas divergências teóricas/ ideológicas/ discursivas. Podemos imaginar a intensidade das discussões entre o que se esboçava o positivismo e o socialismo da época.

Comté então passa a focar seus estudos e pesquisa na construção do que poderia ser uma sociedade idealmente organizada pela ciência experimental, dita clássica, a laboratorial e estatística, por exemplo. Já no ano de 1818, ele concebeu/ inventou uma Ciência Social que ele chamou de Sociologia, e ainda assim, esse saber-fazer ele considerou a "ciência positiva", toda ela baseada e fundamentada nos fatos, algo como

aquela que tem o único fator de estabilidade em todo o universo, produtora de tais sólidas verdades. Em 1822 ele chegou a publicar o "Plano de Trabalhos Científicos para Reorganizar a Sociedade", "Curso de Filosofia Positiva" (1830), concluído em 1842 – um projeto para uma sociedade idealizada. De modo ousado e inventivo, no ano de 1848 ele criou uma "Sociedade Positivista" marcando diversos intelectuais ao redor do mundo. Depois lançou "Discurso sobre o Espírito Positivo", que foi escrita em 1848, donde ele destaca espírito positivo que abarca a inteligência, os sentimentos e as ações positivas/ positivistas sendo algo maior e mais vital do que a mera cientificidade, que para ele compreende somente questões intelectuais. Maior ousadia está contida na obra "Sistema de Política Positiva", donde ele cria uma "Rel Para se ater a uma importância das ideias positivistas de Comté, é mister ressaltar da sua presença no Brasil no que se refere aos impactos de sua produção discursiva. Na nossa bandeira, ao meio do círculo está inscrito "Ordem e Progresso" que tem por base o lema desse positivista e sociólogo francês que diz: "Amor como princípio, ordem como base e progresso como objetivo". Também suas ideias inspiraram o exército brasileiro e a proclamação da República do Brasil em 1889, e aqui podemos destacar o ícone de sua presença na nossa nação, o coronel Benjamin Constant (1836-1891).igião da Humanidade" que se caracteriza pela busca da unidade moral humana.

Para se ater a uma importância das ideias positivistas de Comté, é mister ressaltar da sua presença no Brasil no que se refere aos impactos de sua produção discursiva. Na nossa bandeira, ao meio do círculo está inscrito "Ordem e Progresso" que tem por base o lema desse positivista e sociólogo francês que diz: "Amor como princípio, ordem como base e progresso como objetivo". Também suas ideias inspiraram o exército brasileiro e a proclamação da República do Brasil em 1889, e aqui podemos destacar o ícone de sua presença na nossa nação, o coronel Benjamin Constant (1836-1891).

Constant, defendia o positivismo, especialmente nas vertentes filosóficas e religiosas (defesa da moral). Ele levou tais ideias para o exército brasileiro, contaminado os mais jovens com o ideário. Importante na História do Brasil, ele foi articulador do levante republicano de 1889, foi nomeado Ministro da Guerra e, depois, Ministro da Instrução

Pública no governo provisório, bem como cuidou de meninos/ meninas cegas/ cegos, sendo o terceiro diretor do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, que foi criada em 1854 por Pedro II do Brasil, e cujo objetivo era o de educar de crianças com deficiência visual e cegas propriamente ditas. Ele ficou tanto tempo na direção, que em 1890 o governo provisório e na época nova República, optou por intitular tal escola como Instituto Benjamin Constant, que ainda persiste na nossa contemporaneidade, respeitada ainda dentro do seio da nossa sociedade.

Parece-nos que Comté viveu uma forte angústia frente ao caos advindo da Revolução Francesa (1789-1799), que apregoava algo que não se concretizava: liberdade, igualdade e fraternidade. Com a criação do Comitê de Salvação Pública e o Comitê de Segurança Geral a França passou por um período de Terror, com muitas decapitações, por exemplo, fim da monarquia etc. Por isso, Auguste Comte focou sua discursividade objetivando minimizar o caos social deixado pela Revolução, e foi então que o filósofo desenvolveu a “lei dos três estados”. Por essa lei, os homens explicam todos os fenômenos do Universo passando por três fases: 1) a teológica, 2) a metafísica, 3) a positivista.

Na fase teológica, acontece a vontade de seres sobrenaturais. Na metafísica, o povo imagina/ cria a ação de forças ocultas e, a fase “positivista”, donde as explicações racionais (e dos fatos) ganham sentidos devido a produção do conhecimento científico. E indo mais além, para Comte, as ciências biológicas e exatas, com seus princípios e métodos, poderiam gerar modos de explicação da sociedade: "Não há problema que não possa em última instância ser reduzido a números".

Eis obras de Auguste Comté: “Plano de Trabalho Científico para Reorganizar a Sociedade”, 1822; “Opúsculos de Filosofia Social”, 1816-1828; “Curso de Filosofia Positiva”, 1830-1842; “Discurso sobre o Espírito Positivo”, 1848; “Discurso sobre o Conjunto do Positivismo”, 1848; “Catecismo Positivista”, 1852; “Sistema de Política Positiva”, 1851-1854; “Apelo aos Conservadores”, 1855; “Síntese Subjetiva”, 1856. No seu livro, de 1885, ele procura traduzir assertivamente a palavra "positivo" descrevendo exatas sete concepções: real, útil, certo, preciso, relativo, orgânico e simpático.

O positivismo fez de Comté o senhor do século XIX, e a presença desse movimento ainda é forte em todo o mundo, na sua procura de uma única e sólida verdade, a sólida, aquela que nunca se desmanchará. Trata-se de uma marca de ciência que tem forte impacto nas construções/ invenções de práticas educacionais escolares e não escolares, focando um modo de pensar/ sentir/ agir a Educação e a Pedagogia, e assim o Projeto Pedagógico, afastando-se do místico, das credices, aproximando-se do matemático, da certeza etc. O próprio termo “com certeza”, tão comum no nosso cotidiano, traz essa ideia positivista que marca os nossos modos de ser-no-mundo.

Nesse clima, vamos dizer, positivista, é que o Brasil se tornou ordenado, racional, lutando ferozmente contra aquilo que era relativo, efêmero, incompleto, inconcluso. A vida precisa de racionalidade, de verdades sólidas, de ordem e crescimento pessoal, coletivo e nacional. Como já dissemos, o coronel (e educador, e professor de Matemática) Constant chegou a ser no governo brasileiro o que denominamos de ministro da Educação, e nesse cargo é que ele implementou uma reforma do currículo escola do antigo curso primário e secundário. Isso aconteceu no Distrito Federal, um antigo município da corte “brazuca”, que é brasileiro, nascido no Brasil e que tem a cultura dessa nação ,criando o Decreto nº 981, de 8 de novembro de 1890. Nessa legislação oficial, foi produzida, por determinação, novas diretrizes para a instrução pública. As propostas, dentre outras, propunham descentralizar a Educação escolar, bem como estimulou a projeção e efetiva construção de correta arquitetura para a execução do processo ensino-aprendizagem formal escolar, inclusive criação de novas escolas, inclusive as até hoje existentes, em alguns estados, das escolas normais, ditas como espaços para a melhor formação de professores, fundada na Psicologia científica, dentre outras, na aprendizagem de técnicas corretas de ensino, avaliação considerada universal etc. Também criou o que se denominou fundo escolar, no qual a gestão educacional poderia ter um espaço de economias fora do Estado.

O que o positivismo tem a ver com o projeto pedagógico capixaba, do Governo Estadual, denominado “Programa Escola Viva”? Como podemos aproximar tal projeto a essa idealização da sociedade descrita positivista?

Projeto Pedagógico “Programa Escola Viva” do Governo do Estado do Espírito Santo

O Programa Escola Viva (CAMARGO, ZAMBRONE, 2016; p. 1) é uma proposta de ensino integral, foi instituído pela Lei Complementar Nº 799, defendida pelo Governo Federal, efetivando a implantação de um regime de turno único nas escolas estaduais de ensino médio do Espírito Santo, ganhando singularidade no Governo Paulo Hartung. Até agora, 19 de julho de 2017, segundo o jornal Espírito Santo Governo do Estado (2017; p. 3) são 17 unidades implantadas. Inicialmente o foco é a juventude, por isso a centralização no ensino médio e a formação profissional viam cursos técnicos, mas já se fala em um programa que abarque o ensino fundamental: “A Escola Estadual Galdino Antônio Vieira [...] será a quarta unidade do programa [...] em Vila Velha, sendo a primeira no município a ofertar apenas vagas para o Ensino Fundamental. A escola ofertará 500 vagas para estudantes do 6º ao 9º ano” (Rede de Comunicação do Governo do ES, 2017; p. 3).

O modelo de sua gestão geral começa por sua implantação terceirizada por uma empresa de consultoria de Pernambuco, sendo assim constituído um discurso ideário do Estado a favor da presença das empresas provadas na escola pública, que podemos imaginar, que ao longo do tempo, dominará o setor, desvencilhando-se do público – isso parece muito claro. De modo geral, pode-se afirmar que esse projeto pernambucano, o modelo seguido, tem fortíssimas parcerias com empresas privadas, envolvidas com o que estamos a denominar de ideologia empreendedorista neoliberal, como o banco Unibanco, a empresa Odebrecht – dentre outras. Oliveira (s/d) esclarece-nos de que a forte relação entre o [...] positivismo e o neoliberalismo, visto que, ambos defendem uma política de exclusão, ou seja, uma política onde só os mais fortes sobreviverão (pelo menos no sentido capitalista) e os mais fracos sucumbirão, criando assim uma competência desenfreadamente selvagem entre os indivíduos e culpando-os caso não consigam se sobressair (ibid., p. 1).

O Instituto Unibanco não foge do neoliberalismo e de parte do discurso positivista. Esse banco criou em 2007 o Programa Jovem de Futuro - JF. Esse programa é definido no sítio dele, que é “uma tecnologia educacional [...], desenvolvida e testada para estimular o

aprimoramento contínuo da gestão escolar, com o objetivo de melhorar os resultados de aprendizagem dos estudantes de escolas públicas de Ensino Médio”, e desvelando sua dinâmica de funcionamento, esclarece sua presença poderosa nas escolas públicas, pois tudo acontece, por meio “de parceria com as Secretarias Estaduais de Educação, o Instituto Unibanco oferece assessoria técnica, formação, instrumentos e sistemas aos diversos agentes e instâncias da educação”. Tal proposta se encontra também em andamento no Estado do Espírito Santo, atrelada ao Programa Escola Viva. O positivismo aparece nos discursos matemáticos e aparentemente com solidez de verdade única e inquestionável, como esse: “O Jovem de Futuro tem o compromisso de influenciar os resultados” (p. 1).

No Estado capixaba, a gestão maior do dito Programa cabe à ONG “ES em Ação”, que é a financiadora do Instituto de Corresponsabilidade Educacional (ICE) de Pernambuco, que criou o Centro de Ensino Experimental. Um dos criadores desse Centro é o empresário Marco Antônio Magalhães, que é entrevistado em um programa de TV capixaba. Marco Antônio começa dizendo que ele não era educador, mas que foi produto da boa escola pública e porque essa escola não é tão boa como atualmente, e por isso ele e um grupo de empresários pensaram e agiram uma escola que atendesse ao anseio dos jovens. Quando fala da juventude, ele se refere a uma faixa etária inserida no ensino médio, geralmente focado na entrada na universidade e no ensino técnico profissional. A par disso, prossegue o empresário, eles acabam criando um “modelo” que atendesse as demandas dos jovens: o ensino-aprendizagem dos conteúdos oferecidos pela escola e das “competências não cognitivas”, donde o jovem traria a responsabilidade de si mesmo, tornando-se protagonista, deixando claro que não é papel do Estado fazer isso: “o jovem precisa ser preparado a ter protagonismo, trazer a responsabilidade pra si, nós saímos dessa cultura ibérica né? Que eu tenho um problema, qual o vereador que vai resolver o meu problema” (sic). O termo protagonismo vem do grego: “proto”, o primeiro, o principal; “agon”, luta; “agonista”, lutador.

O termo protagonista literalmente, quer dizer o lutador principal. No teatro, o termo passou a designar os atores que conduzem a trama, os principais atores. O mesmo ocorrendo

também com os personagens de um romance. No nosso caso, ou seja, no campo da educação, o termo protagonismo juvenil designa a atuação dos jovens como personagem principal de uma iniciativa, atividade ou projeto voltado para a solução de problemas reais. O cerne do protagonismo, portanto, é a participação ativa e construtiva do jovem na vida da escola, da comunidade ou da sociedade mais ampla (COSTA, s/d; p. 10).

Há um discurso forte nesses programas educacional e psicopedagógicos que destacam o estudante como uma espécie de herói, que sofre muito, tem fé, enfrenta os problemas seus (e criados pelas péssimas relações interpessoais em que se meteu) e que finalmente resiste pela resiliência, ganhando os píncaros da glória e do sucesso, definidos operacionalmente como ter lucro, o que mais valente e que não foi covarde, sabendo aproveitar das belezas éticas do sistema econômicos e o fez pela competência. Esse herói, como nos filmes e séries de TV (e webséries), acaba encontrando forças em si mesmo, uma espécie de fortíssimo mínimo eu (ego, self), por sua própria sabedoria e pacto com a ideologia dominante. Esse herói tem um inimigo claro, o bandido – que é o outro, o estrangeiro, o opositor às suas ideias etc. Numa dicotomia que é perversa, acaba ficando evidenciado contra quem o jovem deve lutar, com aquele que ao lado dele se opõe, seja o colega, o professor, o gestor etc. Não estamos dizendo que a força de vontade e boa autoestima, esse heroísmo não ajuda o ser (como ser-no-mundo) no sua aprendizagem e desenvolvimento, o que estamos de fato esclarecendo é que só essas variáveis, mais interiores, não dão conta de inúmeras variáveis externas mais poderosas, como o Estado, por exemplo. Aqui estamos a falar, por exemplo, de programas alternativos, como os que propõem desenvolver a conscientização crítica, por exemplo, esclarecendo a favor de quem faz essa ou aquela proposta de intervenção.

Para ser esse protagonista na Escola Viva, há uma série de regras, parâmetros, sequencias... E dentro desse espírito empreendedor, é que o empresário Magalhães descreve o que para ele são essas “competências não cognitivas” indispensáveis ao jovem lutador principal: “ter determinação, ter resiliência, ter capacidade de planejar, de executar...”. Tendo essas competências, o aluno de modo natural aumentaria o seu desempenho acadêmico do sujeito.

Por outro lado, o neoliberalismo produz subjetividades desastrosas ao crescimento escolar como a competição desenfreada, consumismo voraz: Uma coisa é a competição limitada pela Lei (nos sentidos ético e jurídico do termo) e outra bem diferente é a competição no lugar da Lei. É na medida em que a competição é a própria Lei, em que não há limite para a competição (...) revela seu caráter mais vacilante e evanescente nas sociedades contemporâneas (MARQUES NETO, 2009; p. 55).

Mas isso acerca do processo de subjetividade não é tocado nos manuais dos programas pernambucanos e capixabas, até porque a subjetividade proposta é sólida, com valores claros a serem defendidos, dentro do contexto neoliberal pautado pelo positivismo de verdades insofismáveis.

O psicologismo tende a responsabilizar unicamente o sujeito por sua situação afetiva, cognitiva e psicomotora – temas da Psicologia. O Estado passa ao relento, e o social é descrito no círculo das relações interpessoais apenas. Assim, pelo positivismo e neoliberalismo as desigualdades sociais não são mutáveis, fixas e sólidas que são – e não adianta lutas de resistência contra isso, mas esforço pessoal de adquirir habilidades, competências e outros termos até popularmente associados ao neoliberalismo. O discurso idealizado perpassa quando aconselhamos ao jovem uma luta individual, e quando propomos algo em grupo, o fazemos pensando já num estilo tipo “ordem e progresso”, afastando qualquer tipo de rebeldia, insubmissão, resistência contra a gestão escolar e as políticas públicas. Todo o foco é fornecido à uma alegria pessoal e íntima e às relações interpessoais positivas, evitando os conflitos.

Assim como o discurso positivista também é o discurso neoliberal, no sentido de acreditar e propagar as desigualdades sociais como inevitáveis para o desenvolvimento de uma determinada sociedade, portanto o fato de uma minoria deter a riqueza e uma grande maioria viver na miséria é totalmente normal. A explicação dada pelo Neoliberalismo para esse fato, é que a minoria conseguiu êxito por terem enxergado e aproveitado bem as oportunidades que lhes foram dadas, enquanto a grande maioria nada conseguiu por não saberem aproveitar as mesmas. Por esses motivos é que é tão relevante (...), para que

possamos compreender melhor as duas correntes que são formas de justificar e perpetuar o capitalismo (OLIVEIRA, s/d; p. 1).

Na fala deste empresário, aparece dados quantitativos como “50% dos jovens abandonam o ensino médio” e complementa que se fosse apenas 1% o problema seria dos rapazes e moças, mas com uma percentualidade tão alta e a culpa é da escola pública, por isso esta proposta de mudança. As explicações, aparentemente são racionais (e dos fatos) desejando produzir sentidos para o ouvinte do programa de TV. Tal qual Comté, os problemas sempre se atrelam a números, quantidades, percentagens.

O discurso do empresário é assim, a favor da privatização e de um resgate do psicologismo, dado isso apregoa verdades e valores pretensamente universais, em um ideário positivista. Através de uma “nova” moral, daí o vital não é exigir do Estado seu papel na educação, mas ter subjetividades (valores) que promoveriam o cidadão a ser sucesso prevendo Políticas Públicas de privatização, colocando na sociedade civil total responsabilidade por seus fracassos e sucessos. Diante desse fato, uma das denúncias contra o Programa Escola Viva é sua implantação forçada com determinação do Governo e sem favorecer a gradual discussão com a sociedade, tendo por isso criado diversas ações de oposição dos próprios jovens, pais e comunidade em geral. Implantar uma só verdade é a proposta, contra o diálogo e a ética. Assim, é que em todo o processo, desvelam aspectos diferenciados, mas tem vindo a lume essas complicações contra uma ação dialógica e a forte imposição do Estado, mesmo que hajam grupos favoráveis à ideia.

Onde mais pode aparecer essa discursividade positivista?

O ICE, como estamos estudando, traz um discurso pedagógico, educacional e psicopedagógico. Esse instituto se baseia fundamentalmente no ideário do pedagogo mineiro Antônio Carlos Gomes da Costa (1949-2011), que nasceu em Minas Gerais e trabalhou com crianças e adolescentes, inclusive na Febem de Minas Gerais, bem como produziu consultoria na área da supervisão pedagógica. Ele foi um dos participantes do grupo de redação do ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente. Dentre seus livros e artigos: “O Estatuto da Criança e do Adolescente”, “Lições de Aprendiz e Organizações

com Causa”, “O adolescente como protagonista”, “Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática”, Protagonismo juvenil: educação para a cidadania” e dois livros que destacam ainda mais sua ideologia discursiva: “O Pensamento de Norberto Odebrecht” e “Ser Empresário”. Os seus livros pedagógicos focam muito nos procedimentos, nas didáticas, na sequência das tarefas das mais simples para as mais complexas – dentre outras características.

Nos manuais do ICE, mesmo citando Paulo Freire, ele operacionaliza o pedagogo brasileiro conhecido internacionalmente por ter marcas marxistas, fenomenológicas e existenciais. Essa operacionalização, essa tendência em ordenar de modo positivista o pedagógico, o educacional e o escolar, é uma marca bem acentuada no discurso do ICE. Colocar ordem, estipular o que fazer – essa “fazeção pedagógica e psicológica” é a marca do Programa Escola Viva, cheia de hierarquias, representante de turma, o termo protagonismo e sua prática, cantorias programas, os depoimentos (testemunhos) de jovens que obtêm e ou obtiveram sucessos pessoais no programa, que na fala criticam a escola pública e elogiam a atual mesclada profundamente pelo empresaria e sua ideologia.

Podemos falar em um “frenesi de fazeções psicopedagógicas” que de tão frequentes, acabam impedindo discussões e reflexões críticas. Os jovens andam de um lado para o outro como que dizendo palavras de ordem quase que religiosas – verdades mais puras e inquestionáveis. Souza (2009) nos enriquece refletindo que no discurso do protagonismo juvenil de Antônio Carlos Gomes da Costa, nos esclarece:

A atuação social, característica dos atores sociais, é a “nova forma” de política prescrita pelo discurso. Essa “nova forma” constitui, em última instância, encenação, implicando a anulação da política e funcionando como mecanismo de integração da juventude pobre. A anulação da política ocorre pela adoção do “fazer coisas” como forma de participação e pela fabricação do consenso pelo discurso, o que impede a fala autônoma e transgressora (2009; p. 1).

Esse foco do neoliberalismo nas relações interpessoais e no esforço individual perpassa no Programa Escola Viva (advindo do ICE), que cita explicitamente uma abordagem bastante conhecida de alguns psicólogos, que é a Abordagem Multidimensional de Carkhuff (1969 a , id b; id 1972, id 1979). Em uma publicação do Instituto de

Corresponsabilidade Educacional se descreve: “O ICE toma por base as referências do Antônio Carlos Gomes da Costa e o modelo de relação de ajuda desenvolvido por Robert Carkhuff, detalhado e aprofundado por Clara Feldman e M. L. de Miranda [...]” (GAYOSO et al., 2015, p. 39).

Esse psicólogo estado-unidense sonhou positivisticamente em englobar “todas” as teorias e técnicas da Psicologia Clínica em um só discurso unificador, e criando uma uníssona verdade suprema. A questão colocada por ele poderia ser: Que variáveis tornam uma única Psicoterapia efetiva? Encontrando essas variáveis, segundo seu desejo e autores de sua época, ele foi delineando uma única verdade psicológica clínica – algo bem positivista de verdade sólida. Ele então idealizou o que ele denominou de Modelo de Relacionamento de Ajuda, donde se descreve as dimensões do ajudador (psicólogo), e os efeitos nos clientes (alunos), e finalmente operacionaliza mais ainda, transformando essas dimensões, vamos dizer “subjetivas demais”, em comportamentos explícitos, observáveis. E pode-se constatar que esses comportamentos claramente descritos, são graduais, etapa por etapa, como em uma escada – não em vão que o livro de Miranda e Miranda (1983) há o desenho de uma escada e gradualmente vai se atingindo degrau por degrau até o último.

Scheffer (1976), nos diz que para Carkhuff a sociedade não é em si mesma boa ou má, o que vai dar-lhe valor qualitativo é o nível de relacionamento de ajuda (relação interpessoal) que as pessoas que compõem a referida, desenvolve e aprende – umas pessoas já sabem ajudar, outras, entretanto, precisam aprender. Há as pessoas que sabem e as que não sabem, e as que sabem propõem ensinar. Então Carkhuff descreve seu modelo de ensino-aprendizagem dessas relações positivas, pois afinal ninguém sai intacto de uma relação, seja positiva ou negativamente.

O próprio sujeito quando se submete ao modelo descrito, ele cresce, aprende a ajudar, cuidar de si e do outro. Didaticamente, esse psicólogo recorre ao modelo de troca de papéis, os aprendentes vivenciam dois papéis: o do ajudador e o do ajudado. No Brasil o modelo foi socializado nos cursos de Formação de Psicólogos 1, e até popularmente por Miranda e Miranda (1983) e Miranda (2005), sendo também amplamente utilizado nas

escolas públicas dentro do ofício de orientador educacional (LOFFREDI, 1976), especialmente nos anos 70 e 80 do século XX, quando esse profissional era mais requisitado nas escolas brasileiras.

PÓS-ESCRITO

A meta do Programa Escola Viva do Governo do Estado do Espírito Santo, é o de desenvolver um clima propício ao desenvolvimento humano e escolar e o de ensinar-aprender as habilidades ajudadoras das relações interpessoais. Qual o lugar dado às relações de ajuda nesses programas do tipo Escola Viva. Aracati (2002) assim descreve:

O maior objetivo da presença educativa é estabelecer com o educando uma relação de ajuda, pela qual ele poderá, com o apoio do educador, desenvolver seu potencial individual. Mas, para a construção dessa relação, é necessários termos em vista o caminho do desenvolvimento pessoal e social, para que observemos em que estágio o jovem se encontra e, a partir desse dado, desenhar o processo de ajuda que permita a ele desenvolver seus potenciais. Vale lembrar que o esquema apresentado é uma divisão didática e que a realidade não é segmentada dessa forma (p. 8).

Não estamos a afirmar de que as tecnologias de ajuda sejam nefastas, ao contrário, mas a produção discursiva da Escola da Escolha (do ICE) em focar apenas nesse aspecto muito destacado, especialmente (GAYOSO, et al., 2015), deixando bastante evidenciado, pelas escolhas teóricas, de que a escola e a escolarização, quando fracassada, é devido apenas às relações interpessoais negativas e forças pessoais de luta, por isso usa-se muito o termo resiliência, por exemplo, a capacidade própria e individual do sujeito em cair, sacudir a poeira e levantar-se. Essa discursividade não assume de modo evidente e inequívoco, ao nosso ver-sentir-agir a Escola Viva, de modo mais profundo, a proposta de privatização da escola que eles propõem e que está implícita nos seus manuais e oralidade, diminuindo o papel do Estado nessa esfera vital para o povo, evitando refletir de modo claro sobre o discurso positivista e com isso o neoliberal presente na teorização e na prática – dentre outros aspectos.

Nesse artigo centramos na produção discursiva do positivismo, e seu atrelamento, ao longo do tempo, ao neoliberalismo e com isso nos empresários que pensam-sentem-agem uma educação escolar denominada Escola da Escolha, uma proposta comprada

pelo Governo do Estado do Espírito Santo, chamando a experiência capixaba de Escola Viva.

Destacamos finalmente que produzimos uma análise dentro de um ponto de vista crítico, contra o positivismo no neoliberalismo e o quanto de força ambos ganham na escola/espço escolar e na escolarização desses alunos.

REFERÊNCIAS

ARACATI, Agência de Mobilização Social. **Gincana da cidadania**. Santos, SP: Aracati, 2002.

BESKOW, Dionísio Júlio. **Neoliberalismo e a construção do sujeito contemporâneo**; um dilema para a sustentabilidade do desenvolvimento regional. Disponível em : <http://www.unisc.br/site/sidr/2004/urbano/07.pdf> Acesso em : 02 de Maio de 2004.

CAMARGO, Vivian; ZAMBRONE, Flávia. Governador visita Escola Viva na Serra e inaugura 1ª Academia Espírito-Santense Estudantil de Letras. **Governo do Estado do Espírito Santo/ SEDU**. Disponível em: <http://sedu.es.gov.br/Not%C3%ADcia/governador-visita-escola-viva-na-serra-e-inaugura-la-academia-espirito-santense-estudantil-de-letras> . Acesso em: 02 de Julho de 2017.

CARKHUFF, Robert R. **Helping and human relations**. Volume I. Selection and Training. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1969a.

----- **Helping and human relations**. Volume II. Practice and

----- **The Art of helping**. Amherst, MA: HRD Press, 1972.

----- **O Relacionamento de ajuda para pais, professores, psicólogos**. Belo Horizonte: CEDEPE, 1979.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **Protagonismo Juvenil: O que é e como praticá-lo**. Disponível em: <http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Artigos%20Diversos/costa-protagonismo.pdf>. Acesso em: 06 de Junho de 2017.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

GAYOSO, José et al. **Escola da escolha, modelo pedagógico**; princípios educativos. Recife: Instituto de Corresponsabilidade Educacional (ICE), 2015.

INSTITUTO UNIBANCO. **Projetos e iniciativas, Jovem de Futuro**. Disponível em: <http://www.institutounibanco.org.br/jovem-de-futuro/> . Acesso em: 21 de Julho de 2017.

LEAL, Maria Rute; ISKANDAR, Jamil Ibrahim. Sobre positivismo e educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 3, n.7, p. 89-94, set./dez. 2002.

LOFFREDI, Lais Esteves. **Paradigma de Orientação Educacional**; baseado no modelo de relação-de-ajuda de Carkhuff. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

MARQUES NETO, Agostinho. Neoliberalismo e Gozo. In: ESCOLA LACANIANA DE VITÓRIA (Org.). **A Lei em tempo sombrios**. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2009.

MIRANDA, Clara Feldman de; MIRANDA, Márcio Lúcio de. **Construindo a relação de ajuda**. Belo Horizonte: Crescer, 1983.

MIRANDA, Márcio Lúcio de. **A relação de ajuda**; guia de treinamento. Belo Horizonte: CEAP, 2005.

OLIVEIRA, A. T. **Neoliberalismo: uma herança do positivismo**. Faculdade de Educação de Crateús. Universidade Estadual do Ceará. E-mail: reginacoeleqfs@bol.com.br Disponível em: http://www.propgpq.uece.br/semana_universitaria/anais/anais2001/Iniciacao_Cientifica/humanas/ichuma188.htm . Acesso em : 07 de Junho de 2017 .

REDE DE COMUNICAÇÃO DO GOVERNO DO ES. **Espírito Santo, Governo do Estado** – Jornal. Escola Viva: Serra e Vila Velha terão mais duas unidades Escola Viva em 2018. Vitória, ES, quarta-feira, 19 de Julho de 2017. p. 3.

RUCKSTADTER, Vanessa Campos Mariano. **Positivismo e educação: alguns apontamentos**. Disponível em: <http://cac-php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario2/trabalhos/educacao/medu32.pdf> Acesso em: 21 de Junho de 2017.

SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios. A ciência vista como uma vela no escuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHEEFFER, Ruth. **Teorias de Aconselhamento**. São Paulo: Atlas, 1976.

SILVINO, Alexandre Magno Dias. Epistemologia positivista: qual a sua influência hoje?. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 276-289, Junho de 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em : 19 de Julho de 2017.

SOUZA, Regina Magalhães de. Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz. **Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade**, 1(1): 1-28, 2009.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Licenciada em Pedagogia. Mestre em Educação-UFES. Bolsista CAPES (23 meses). anakaryneloureiro@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/6736589692524594>

Licenciado em Licenciado em: Psicologia, Pedagogia, Filosofia, Biologia, Matemática. Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - IP-USP. Pós-doutorado em Educação. Professor Titular da UFES/CE/DTEPE/PPGE. Chegou a participar de um curso com o próprio Robert R. Carkhuff, talvez em 1976/77, em Belo Horizonte MG. , em um congresso de Orientação Educacional e teve em seu curso de graduação em Psicologia, uma disciplina chamada: “Teorias e Técnicas Psicoterápicas I: Modelo de Relacionamento de Ajuda (de Carkhuff)”. hiranpinel@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/8940226139303378>

Licenciado em Educação Física e em Pedagogia. Doutor em Educação-UFES. Professor no IFES. marciocolo@hotmail.com <http://lattes.cnpq.br/0913468627021863>